



Humberto Espíndola:

*Pecus e Pecúnia Discutem a Divisão.*

Óleo sobre tela, 1978, medidas 130x170 cm.

## LIVRO

# A ARTE E A VIDA

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA  
ABCA/SÃO PAULO

**RESUMO:** o artigo aborda os apontamentos de leitura do livro *O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola*, escrito pela crítica de Mariza Bertoli, que celebra os 80 anos de vida e 50 de percurso estético do artista visual Humberto Espíndola. Acima de tudo, o texto aborda a dedicação à pesquisa no campo da história e das artes visuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** artes visuais, arte brasileira, Humberto Espíndola, Mariza Bertoli

**ABSTRACT:** the article addresses reading notes from the book *O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola*, written by critic Mariza Bertoli, which celebrates the 80 years of life and 50 years of the aesthetic journey of the visual artist Humberto Espíndola. Above all, the text addresses dedication to research in the field of history and visual arts.

**KEYWORDS:** visual arts, Brazilian art, Humberto Espíndola, Mariza Bertoli

É incrível como o interesse pela arte absorve, forja desejos, conduz atitudes e transforma ao redor. A dedicação de uma vida de estudos registrada nas páginas de *O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola*, escrito por Mariza Bertoli<sup>1</sup>, mostra que o pensamento e a experiência artística somados à obstinação podem tornar-se testemunhos inegáveis de uma existência.

O livro começa a ser gestado em 1993, quando Bertoli defende a dissertação *O mítico e o político na arte no Cone Sul: análise comparada da obra plástica de Antonio Seguí - Córdoba, Argentina e Humberto Espíndola - Mato Grosso do Sul, Brasil*, sob a orientação de Lisbeth Rebollo Gonçalves, no PROLAM (Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina).

Depois deste primeiro exercício, a autora mergulha na trajetória de Humberto Espíndola (Campo Grande, 1943)<sup>2</sup>; dá continuidade às diversas entrevistas, analisa cerca de 100 obras do artista e, de fato, a construção do texto acompanha boa parte da criação das obras. Ela escreve e revisa o



Mariza Bertoli, crítica de arte, é autora do livro *O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola*,

texto muitas vezes - a última versão parece ser a de 2016<sup>3</sup>.

É uma obra completa. Nela, expõem-se a trajetória artística de Espíndola, as chaves de interpretação de trabalhos e o tema fulcral, eleito por Bertoli: o mítico e o político em sua produção. Além disso, são acréscimos a cronologia - a vida do artista apresentada por ele mesmo -, a relação de suas obras e

atividades artísticas e uma generosa bibliografia. Na leitura, existem duas vozes que se alternam de modo denso e delicado, a de Bertoli e a de Espíndola. Eles nos guiam pelo percurso crítico-visual. “O ato de interrogar a obra une texto e contexto, referência e inferência”, alerta Bertoli na introdução.

Ela ainda arremata: “(...) descrevo a trajetória da obra recorrendo sempre ao depoimento do artista e ao que dizem os críticos de arte. Às vezes, a poesia, a novela e a crônica; a história e o discurso político, vêm juntar-se à obra”. E, de verdade, a pintura de Espíndola ganha acepções, descrições poéticas e fundamentos histórico-sociais. Pelas obras e entrevistas de Espíndola à Bertoli, durante os anos de 1990, entra-se no universo criativo do artista.

Mas, sobretudo, surgem as metáforas de forte impacto - talvez, Bertoli buscase reproduzir o choque que confessa ter sentido, quando viu a instalação *Bovinocultura: sociedade do boi*, apresentada na XI Bienal de São Paulo, em 1971. A instalação



Humberto Espíndola:  
*Boi Bandeira*,  
1968 - ost -  
152 x 172 cm.

usou 5.000 condecorações - daquelas que se atribuem aos bois campeões - chifres e vegetação de mangue. O ambiente imersivo também participa da 36ª. Bienal de Veneza, em 1972 e, está referenciado no livro *Manual de pintura e caligrafia* (1ª edição, em 1977), de José Saramago.

No campo da visualidade, Bertoli destaca a autenticidade de João Câmara (Recife), Siron Franco (Goiânia) e Humberto Espíndola (Cuiabá). O tratamento da figura, na produção desses pintores, é sempre crítica e apropria-se do regional para atingir lições universais. Deslocados do eixo Rio-São Paulo, esses artistas mostram os problemas, as realidades e a dimensão plural da produção artística nacional. Eles apontam para narrativas diversas à tradicionalmente contada a partir das capitais sudestinas; contam sobre territórios propositivos e formulam muitos (outros) mapas da arte brasileira. Como crítica de arte, Bertoli atenta-se aos repertórios nacionais e, também, aos latino-americanos que escapam às hegemonias.



Humberto Espíndola: o mítico e o popular na obra do escritor e artista visual.  
Foto: Altair Santos

Entre os três pintores autênticos, Espíndola ganha reconhecimento público pelo tema escolhido: o boi. Em 1967, o artista apresenta, no IV Salão de Arte Moderna de Brasília, as obras *Boi Society*, *Glória ao boi nas alturas*, e o *Boi alado nas asas do dinheiro* - trabalhos que o projetam nacionalmente. O físico e crítico de arte Mario Schenberg, em 1968, chama a figuração de Espíndola de “rude e poderosa autenticidade”. Segundo Bertoli, “pela primeira vez na história da arte brasileira o

Brasil Central se mostra na plástica surpreendente da Bovinocultura”.

O boi, alicerce social e econômico do país e, mais ainda daquela região, torna-se motivo, foco e metáfora - universo simbólico que lida com circunstâncias históricas, estruturais, étnicas e ambientais. Para Aline Figueiredo, crítica de arte e companheira de Espíndola na vida e em ações artísticas, em seu livro *A propósito do boi* (editora, UFTM, 1994): “era o boi que quebrava, mais uma vez, o silêncio secular de um imenso Brasil interno”. No vocábulo de Espíndola, os bois transvestem-se em generais, políticos, filósofos e burocratas. Podem ser satânicos, ameaçadores, eróticos, líricos e mito-poéticos. O boi adquire a dualidade do imaginário, reiterando a representação do poder, da força, do social e do econômico.

Ainda em 1971, o artista “vive a morte da vaca desde a captura”. Os registros fotográficos da performance *Ritual do sacrifício - Fazenda Conceição, Pantanal (Nhecolândia)*, impressionam pela relação artista-

animal. Evidenciam-se o animal morto, sangue, o beijo da morte, a abertura das vísceras e a exposição do bezerrinho já formado - o relato em primeira pessoa traz a descrição dos acontecimentos. A performance converte-se em seu ingresso na experiência arte-vida.

Os objetos e os símbolos relacionados ao boi integram as preocupações de Espíndola. Nesse escopo, estão as rosas - uma possível releitura da condecoração dada aos melhores exemplares da raça e, tema de seu repertório entre 1975-1977 - os chifres, as patas, as luvas, os punhais, os emblemas, os couros gravados a fogo (as marcas de distinção e propriedade), os mapas de ocupação, o metalúrgico-boi como herói nacional, a mulher-república, a heráldica Guaicuru e os elementos decorativos dos Kadiwéu - os povos indígenas não usam ferro em brasa para marcar os bois; eles marcam os animais com pinturas. Para o artista, todos os objetos relacionais são itens dos jogos entre o homem, o poder e o boi.

Aqui não cabe a descrição dos seus 80 anos de vida ou, ainda,

a interpretação de seu universo pictórico de mais de 50 anos. Mariza Bertoli, em *O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola*, faz isto de forma perspicaz. Afinal, o livro é uma celebração. Mas, é apropriado destacar a crítica ácida das imagens criadas por Espíndola nos anos de ditadura militar (1964-1985) e compreender o porquê Bertoli afirma que o pintor “entra na prática vanguardista latino-americana dos anos 60, com uma figuração que vai se tornando provocativa”.

Seus bois-generais contam sobre um período histórico difícil para as artes e de ameaça às forças democráticas. Em plena repressão militar (entre 1968 e 1969), seus bois-militares de alta patente são censurados na Bienal da Bahia, em 1969 e, segundo o próprio pintor, são “jogados num porão”. Mas, outras pinturas semelhantes escapam e auxiliam na formação das alegorias e dos personagens-tipo de Espíndola.

O tom da crítica social está na série *Divisão dos Estados*, especialmente na pintura *Pecus/Pecúnia*, na qual o boi está de cartola e fraque -

prefigurando os milionários do agro e da pecuária. Através da imagem do boi, o artista trata do movimento separatista, da divisão e da criação de dois novos territórios: o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul. Na tela *O sopro*, 1978, as cores remetem à bandeira nacional, o chifre e o cupim são presenças que geram diálogos frente ao gado imerso na política e economia regional e também nacional. A boina militar completa a alusão ao contexto espacial e temporal.

A partir da década de 1980 (com a reabertura democrática do país), o artista emprega mais força aos bois, muitas vezes deformando-os - é isso que o leva para “a humanização do boi e a bestialização do homem”, colocação feita por Maria Adélia Menegazzo em seu livro *Alquimia do verbo e das tintas na poética de vanguarda* (editora da UFMS, 1989). Bertoli também vê essa relação homem-boi, mas acrescenta as mitologias urbanas, os mitos culturais e as questões políticas.

Aliás, o mítico e o político são os norteadores na leitura de Bertoli sobre o trabalho de Espíndola. A

Humberto Espíndola: *Nascimento de Mato Grosso do Sul*, Óleo sobre tela 1979, 144x124 cm.



autora explora os nexos de sentido nas imagens do pintor, a construção de sua identidade como sujeito a partir de núcleos temáticos, envolvendo história e memória cultural. Ela ainda pergunta “onde se encontram o mítico e o político?”. E na sequência, responde: na utopia; “no lugar onde o herói realiza sua performance e chega à vitória”.

Para além da leitura mítico-política, Humberto Espíndola é responsável por fomentar o cenário das artes mato-grossenses. Ao lado de Aline Figueiredo, eles descentralizam a arte no país; ambos são criadores do Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal do Mato Grosso (MACP UFMT), em 1974. Espíndola torna-se, ainda, o primeiro secretário de Estado de Cultura de Mato Grosso do Sul de 1987 a 1990 e organizou a 1ª Exposição dos Artistas Mato-Grossenses, em Campo Grande no ano de 1966, onde ele e Figueiredo fundam a Associação Mato-Grossense de Arte. Torna-se gestor artístico do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul de 2002 a 2005

e coordenador de Artes Plásticas do 1º, 2º e 3º Festival América do Sul, em Corumbá.

Se Mariza Bertoli encerra a análise sobre a obra de Espíndola, dizendo que “aos pintores cabe a tarefa cotidiana de projetar luzes sobre a malha simbólica, ainda que sejam luzes de vaga-lumes”, o seu encontro com o pintor abre novas chaves de leituras e abordagens; são “vagas e lumes” que abrem campos de possibilidades - ressaltam-se as questões ligadas à terra, à cultura mestiça e indígena e à preservação do ecossistema pantaneiro e nacional. Todas essas, hoje, pautas em voga no cenário das artes e que estão presentes no repertório de Espíndola - prontas para novos olhares.

De tudo, o livro *O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola* é obra-síntese. É obra-referencial sobre a visualidade do pintor a partir do texto basilar da crítica de arte Mariza Bertoli. Nos escritos e nas imagens, pulsam a arte, mas sobretudo, as vidas da escritora e do artista.



BERTOLI, Mariza. *O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola*. Cuiabá: Entrelinhas, 2023, p. 332.

## NOTAS

1 BERTOLI, Mariza. *O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola*. Cuiabá: Entrelinhas, 2023.

2 Pintor, desenhista e gravador; é também jornalista, formado pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica do Paraná. Ao longo de sua trajetória, ele se torna ainda compositor, poeta e promotor de ações de cultura.

3 Formada em Pintura na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), Mariza Bertoli foi mestre e doutora em Estudos Latino-Americanos, na linha de pesquisa Produção e Crítica de Arte Contemporânea, pela Universidade de São Paulo (USP). Foi conselheira da Sociedade Científica de Estudos de Arte (CESA) e membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA). Em 2015, foi ganhadora do Prêmio Mário de Andrade (crítico pela trajetória) da Associação Brasileira dos Críticos de Arte (ABCA). Foi co-fundadora ainda a CASLA - Casa Latino-americana e foi diretora do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR), entre 1983 e 1984. Ela faleceu

em junho de 2019. Na apresentação do livro *O mítico e o político na obra de Humberto Espíndola*, Jacob Klintowitz conta sobre o encontro entre Bertoli e Espíndola. E ao final do livro, Klintowitz faz uma comovente crônica sobre “a alma boa de Mariza”.

## ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA

Doutora em Artes Visuais (ECA USP). Pós-doutorado em Artes Visuais (UNESP). Curadora independente. Professora do CELACC (ECA USP). Pesquisadora do Centro Mario Schenberg de Documentação e Pesquisa em Artes (ECA USP). Membro da Associação Internacional de Crítica de Arte (AICA). Editora da Revista Arte&Crítica, articulista do Jornal da USP e colaboradora da Revista DasArtes. Autora dos livros Schenberg: Crítica e Criação (EDUSP, 2011) e Memória da Resistência (MCSP, 2022).